

EDUCAÇÃO BASEADA EM PROJETOS

Reforma agrária: a questão da terra no Brasil

Caderno do professor



Narai Chal/istockphoto

Roteiros
pedagógicos para
trabalhar **democracia**
no ensino médio



FUNDAÇÃO

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO

Caro(a) professor(a)

A escola é um espaço emancipatório essencial para o desenvolvimento da participação política e cidadã dos estudantes. Ela deve apoiar a promoção da cidadania, estimulando os jovens a ampliarem suas habilidades de interpretação das informações e a elaborarem análises críticas sobre o papel das instituições e da democracia.

Em uma sociedade polarizada, a escola também desempenha um papel fundamental na valorização das diferenças, devendo proporcionar oportunidades enriquecedoras aos estudantes para que se envolvam e apreciem a diversidade de ideias. Ao promover a tolerância e o respeito, além de ampliar a compreensão sobre os fenômenos sociais, a escola pode contribuir para a formação de cidadãos ativos e conscientes, preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Pensando nisso, o Instituto Porvir e a Fundação FHC desenvolveram roteiros pedagógicos para apoiar a construção de projetos sobre democracia e participação nas escolas. Neste material, é apresentada uma proposta de atividade prática e significativa para abordar a questão da **reforma agrária**.

Com base na metodologia da Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL), apresentamos recursos e atividades que possibilitam o desenvolvimento do tema com os estudantes. Cada etapa foi cuidadosamente planejada para estimular a participação ativa dos alunos, a colaboração em equipe e o desenvolvimento de habilidades essenciais.

Para facilitar a aplicação do projeto em sala de aula, organizamos o material em duas seções: no **Caderno do(a) Professor(a)**, você encontra o contexto detalhado do projeto e as orientações de aplicação; já no **Caderno do Aluno**, são apresentadas orientações direcionadas aos jovens.

Recomendamos que você entregue as instruções gradualmente aos estudantes, à medida que cada etapa for concluída. Isso ajudará na compreensão do projeto em pequenas partes, dando-lhes tempo para absorver as informações, refletir e realizar as atividades propostas de maneira mais envolvente.

Encorajamos você a explorar os conteúdos, adaptando-os conforme necessário para atender aos objetivos educacionais específicos da sua turma. Sinta-se à vontade para personalizar e complementar o material de acordo com suas preferências e necessidades. Reconhecemos que cada contexto de aprendizagem é único, e suas orientações e adaptações podem enriquecer ainda mais a experiência de aprendizagem dos estudantes.

Estamos confiantes de que o uso deste material resultará em uma aprendizagem significativa, estimulando a aplicação prática dos conhecimentos, o desenvolvimento do pensamento crítico, a habilidade de resolver problemas e a criatividade dos alunos. Acreditamos que essas competências essenciais serão fortalecidas e ampliadas ao longo do projeto, preparando os estudantes para enfrentar desafios do mundo real e promovendo um aprendizado duradouro.

O que é a Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL)?

A Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL, do inglês Project-Based Learning) é uma metodologia educacional que convida os estudantes a se envolverem em iniciativas autênticas e relevantes, nas quais podem aplicar conhecimentos e desenvolver habilidades de maneira prática e conectada ao seu cotidiano.

Essa abordagem traz uma série de benefícios para o processo de ensino e aprendizagem:

- **Maior engajamento:** os projetos despertam a curiosidade e motivam os estudantes, ao conectá-los com temas que fazem sentido em suas vidas. Ao assumirem um papel ativo no próprio processo de aprendizagem, o interesse e o envolvimento aumentam consideravelmente;
- **Aplicação no mundo real:** a proposta permite que os alunos utilizem o que aprendem em contextos concretos, aproximando o conteúdo escolar da realidade em que vivem. Isso torna o aprendizado mais relevante e duradouro;
- **Desenvolvimento de competências-chave:** ao longo dos projetos, os estudantes exercitam habilidades essenciais como pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração, comunicação e criatividade – capacidades indispensáveis para a vida em sociedade e o mundo do trabalho;
- **Integração entre áreas do conhecimento:** a metodologia favorece o trabalho interdisciplinar, conectando diferentes disciplinas e ampliando a compreensão dos conteúdos por meio de múltiplas perspectivas;
- **Autonomia e protagonismo:** ao conduzir projetos, os estudantes aprendem a tomar decisões, organizar seu tempo e acompanhar seu próprio progresso, fortalecendo a autorregulação e o senso de responsabilidade;
- **Estímulo à criatividade e à inovação:** os desafios propostos incentivam os estudantes a explorar ideias originais e encontrar soluções criativas para problemas complexos, desenvolvendo uma postura investigativa e inovadora.

Como aplicar a Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL)?

Existem diferentes maneiras de aplicar a Aprendizagem Baseada em Projetos. Apresentaremos aqui um dos formatos possíveis:

- **Passo 1 - Investigação:** os estudantes são apresentados a um problema ou questão desafiadora, que desperta sua curiosidade e os motiva a buscar soluções;
- **Passo 2 - Definição do problema:** com mediação do(a) professor(a), a turma delimita o foco do projeto e formula uma pergunta norteadora, que direcionará toda a investigação;
- **Passo 3 - Ideação:** os estudantes são incentivados a elaborar ideias criativas e inovadoras para resolver o problema ou desafio identificado;
- **Passo 4 - Planejamento:** as ideias geradas se transformam em um plano estratégico;
- **Passo 5 - Execução:** as melhores ideias são organizadas em um plano de ação, definindo tarefas, prazos e responsabilidades para colocar a solução em prática;
- **Passo 6 - Socialização:** os resultados e conhecimentos adquiridos são compartilhados.

Tenha um plano B

Ao longo deste percurso pedagógico, serão apresentadas propostas e sugestões de atividades para trabalhar o tema com os estudantes. Contudo, é normal que surjam obstáculos durante o processo. Se enfrentar dificuldades, lembre-se: a flexibilidade e a criatividade são suas aliadas. Esteja aberto a ajustar rotas e testar novas abordagens com sua turma.

Desafio	Possível solução
Falta de engajamento dos alunos	<ul style="list-style-type: none">• Ouça os estudantes e incorpore seus interesses ao projeto;• Estabeleça metas de curto prazo para manter a motivação;• Se necessário, ajuste o foco do projeto para algo mais flexível e relevante para a turma.
Tempo para a execução do projeto	<ul style="list-style-type: none">• Combine etapas do projeto (ex.: integrar pesquisa e planejamento);• Priorize as atividades essenciais (conforme sugestões de adaptação no final deste material).

Índice

Ficha técnica	7
Sensibilização	8
Desenvolvimento	10
Passo 1: Investigação	13
Passo 2: Definição do problema	23
Passo 3: Ideação	24
Passo 4: Planejamento	25
Passo 5: Execução	32
Passo 6: Socialização	37
Avaliação	39

Ficha técnica

Anos: 1º ao 3º
ensino médio

Aplicação:
cerca de 10 aulas

Objetivos de aprendizagem:

- Identificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre reforma agrária;
- Investigar os processos históricos sobre a distribuição de terras no Brasil, desde a Constituição de 1988;
- Conectar dados, narrativas e realidades locais sobre o uso da terra e seus impactos sociais, econômicos e culturais no Brasil;
- Identificar a reforma agrária como um processo histórico em movimento, que envolve diferentes vozes e atores sociais.

Área do Conhecimento, Competências e Habilidades Específicas, segundo a BNCC:

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

- **Competência específica 1:** Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nas esferas local, regional, nacional e global, considerando diferentes pontos de vista e posicionamentos, para compreender as relações entre o passado e o presente e propor ações que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- **Habilidade (EM13CHS103):** Elaborar hipóteses, selecionar evidências e propor soluções para problemas históricos e/ou contemporâneos por meio da análise de diferentes fontes de informação.

Linguagens e suas Tecnologias

- **Competência Específica 2:** Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- **Habilidade (EM13LGG203):** Analisar relações de poder e manifestações de preconceito, discriminação e exclusão em discursos e práticas de diferentes linguagens, a fim de mobilizar estratégias de combate a essas formas de opressão.



Sensibilização

A etapa de sensibilização é o ponto de partida de um projeto em PBL. Mais do que apresentar o tema de forma direta, trata-se de criar um clima de envolvimento que desperte nos estudantes curiosidade, interesse e vontade de participar. Nesse momento, o(a) professor(a) convida a turma a mergulhar em uma experiência que vai além do conteúdo: é o momento de abrir horizontes e mostrar que o aprendizado pode dialogar com a vida real.

Uma das estratégias mais potentes para essa fase é o storytelling. Contar histórias (reais ou fictícias) mobiliza emoções, dá sentido ao que será estudado e conecta o tema às experiências pessoais dos estudantes. Uma boa narrativa não apenas informa, mas também provoca identificação, gera empatia e cria um elo afetivo com o tema do projeto.

Para tornar essa sensibilização ainda mais significativa, pode-se utilizar **um convite especial**, como o compartilhado abaixo, ou até um vídeo que chegue aos alunos como um chamado para uma jornada de investigação. Esse convite assume um tom pessoal e instigante, despertando a sensação de que cada estudante tem um papel fundamental na construção do caminho que será percorrido.

Assim, a sensibilização não é apenas uma introdução, mas um momento-chave para abrir portas, despertar perguntas e preparar o terreno para que o projeto seja vivido com entusiasmo e sentido.

O texto “Um convite especial” é um exemplo de conteúdo que pode ser usado no início do projeto:

Um convite especial

A terra é o ponto de partida de muitas histórias. É dela que vem o alimento, o trabalho, a moradia e boa parte da riqueza que movimenta o país. Ao mesmo tempo, é também onde se concentram desafios antigos — como a forma desigual de acesso e uso do território. Pensar sobre a terra é pensar sobre o Brasil: suas origens, suas escolhas e as formas como busca equilibrar desenvolvimento, preservação e bem-estar coletivo.

Desde o início da nossa história, a maneira como a terra foi distribuída moldou a organização social e econômica do país. Hoje, convivem no campo diferentes formas de produção, desde grandes empreendimentos agroindustriais até propriedades familiares e produções comunitárias. Cada uma dessas formas tem papéis, desafios e contribuições distintas para a alimentação, o meio ambiente e a economia.

Neste projeto, o convite é para olhar a questão da terra sob diferentes perspectivas, com base em dados, fatos históricos e políticas públicas. Mais do que buscar respostas prontas, esta é uma jornada para fazer perguntas — sobre o passado, o presente e o futuro da terra no Brasil.

Ao longo das atividades, você será convidado a investigar, comparar informações e construir seu próprio olhar sobre um tema que continua a influenciar o que comemos, como produzimos e como vivemos.



Desenvolvimento

Chegou o momento de colocar a pesquisa em ação. Nesta etapa, os estudantes vão investigar como a questão da terra atravessa a história, a economia e o cotidiano do Brasil, analisando dados, leis, políticas públicas e perspectivas diversas sobre o tema.

O objetivo é compreender como se formou a estrutura fundiária brasileira, quais foram os avanços e desafios das políticas de reforma agrária e como a concentração de terras impacta dimensões como alimentação, meio ambiente e desenvolvimento regional.

O papel do(a) professor(a) é criar oportunidades de investigação autônoma, estimulando a leitura crítica das fontes, o diálogo entre diferentes pontos de vista e a capacidade de formular perguntas relevantes.

Mais do que buscar respostas prontas, esta etapa convida os estudantes a observar, comparar e interpretar, construindo uma visão mais ampla e fundamentada da realidade.

Por onde começar a investigação

O desenvolvimento pode começar com uma investigação múltipla, articulando fontes variadas. Algumas sugestões:

1. Linha do Tempo da Fundação FHC

Para entender os principais marcos e políticas públicas sobre reforma agrária.

2. Dados oficiais

Como o Censo Agropecuário do **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, responsável por fornecer informações estatísticas e geográficas do Brasil), informações do **INCRA** (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, órgão responsável por promover a reforma agrária, distribuindo terras a famílias sem-terra e regularizando propriedades rurais, além de apoiar o desenvolvimento sustentável e a justiça social no campo), do **IPEA** (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, responsável por realizar pesquisas e análises para ajudar na formulação de políticas públicas, para o desenvolvimento econômico e social do país) e outras instituições públicas. Esses materiais ajudam a visualizar como a terra está distribuída no Brasil.

3. Materiais culturais e de mídia

Reportagens, fotografias, músicas, documentários e entrevistas que mostram olhares do campo e da cidade.

O que observar durante a pesquisa

Durante essa imersão, incentive os estudantes a identificar padrões e transformações:

- Como o acesso à terra mudou ao longo do tempo?
- Quais foram as principais políticas implementadas e seus resultados?
- Como diferentes setores, como a agricultura familiar, o agronegócio e as produções locais, se relacionam com a economia e o meio ambiente?
- De que forma o campo e a cidade estão conectados no dia a dia (por meio da alimentação, do comércio, do trabalho, das tecnologias e da sustentabilidade)?

Múltiplos olhares para o mesmo tema

Ao longo da investigação, oriente os estudantes a cruzarem dados e narrativas, buscando entender o tema sob múltiplas dimensões:

a) História e estrutura

Como a formação da propriedade da terra influenciou o desenvolvimento do país.

b) Economia e produção

Quais são os diferentes modelos agrícolas e como eles movem a economia brasileira.

c) Sociedade e meio ambiente

Como o uso da terra impacta comunidades, ecossistemas e modos de vida.

Construindo sentidos

O professor pode ajudar os grupos a construir mapas conceituais, quadros comparativos ou linhas do tempo visuais, conectando as descobertas entre si.

É importante manter o foco no processo de investigação colaborativa, em que cada grupo aprofunda um aspecto do tema e compartilha suas descobertas com os colegas.

Conexões com o cotidiano

Por fim, incentive os estudantes a relacionar o tema com o próprio cotidiano, observando como a terra aparece na alimentação da escola, nas feiras e mercados locais, nas paisagens urbanas e nas histórias de suas famílias.

Para registrar ao longo do processo

O desenvolvimento é o momento de costurar ideias, levantar perguntas e abrir caminhos. A cada descoberta, convide os estudantes a registrarem o que aprenderam, as dúvidas que surgiram e as contradições que encontraram.

O que esta etapa convida a pensar

Mais do que buscar respostas prontas, o objetivo é que aprendam a pensar a terra como espaço de produção, de direitos, de vida (humana, animal, vegetal) e de futuro, e a escola como um lugar onde vozes, experiências e perspectivas possam ser ouvidas e debatidas de forma respeitosa.



Passo 1:

Investigação

A investigação é a primeira etapa prática de um projeto em PBL. Antes de pensar em soluções, é importante compreender o problema em profundidade. Isso significa não ficar só na superfície, mas ir além das primeiras impressões e buscar informações em diferentes fontes.

Nessa fase, os estudantes vão assumir o papel de pesquisadores: levantando perguntas, ouvindo diferentes pontos de vista, analisando dados, conversando com pessoas, observando situações do dia a dia e comparando versões de uma mesma realidade. Mais do que juntar informações, o desafio é perceber como o problema afeta

a vida das pessoas, quais impactos ele gera e o que normalmente passa despercebido.

Investigar não é simplesmente colecionar dados prontos: é aprender a olhar com senso crítico, desconfiar de respostas fáceis e valorizar evidências que realmente façam sentido.

Ao final dessa etapa, os estudantes terão construído uma base sólida de reflexões e informações que vai orientar as próximas fases do projeto. Isso possibilita que as soluções criadas estejam ligadas ao contexto estudado e às necessidades reais da comunidade.

Pesquisa inicial

Esta fase inicial é concebida como um momento de despertar, em que o(a) professor(a) estimula os estudantes a se aproximarem do tema com curiosidade e abertura, sem buscar respostas prontas.

A [linha do tempo da Fundação FHC](#) intitulada “Reforma agrária: a disputa por propriedade e uso da terra desde a redemocratização” será a referência central para contextualizar historicamente o tema. Ela oferece um panorama claro e dinâmico da evolução legislativa, social e política da reforma agrária desde o período da redemocratização.

Objetivos

- Levantar repertórios prévios dos estudantes sobre reforma agrária: o que conhecem, lembram de ler ou ouvir, ou imaginam ser relevante;
- Ampliar o olhar histórico com base nos marcos da [linha do tempo da Fundação FHC](#), desde a Constituição de 1988 até os programas de diferentes governos, destacando avanços, desafios e pontos de tensão;
- Conectar dados, narrativas e realidades locais, possibilitando que os estudantes percebam o tema como uma questão viva, que envolve disputas, políticas públicas e impactos na realidade;
- Orientar o uso de diversas fontes: documentos históricos, reportagens, entrevistas, relatos de movimentos sociais, podcasts, vídeos e a [linha do tempo da Fundação FHC](#).

Dicas importantes

- Reforce que o propósito desta fase não é encerrar debates, mas ampliar percepções, expressar inquietações e iniciar uma construção coletiva de compreensão;
- Estimule uma postura aberta, crítica e curiosa: uma boa investigação começa com perguntas instigantes.

Atividade 1 – O que sabemos (e o que queremos descobrir) sobre a questão da terra no Brasil? (KWL)

Essa atividade tem por objetivo ativar conhecimentos prévios, reunir percepções iniciais e provocar a curiosidade dos estudantes sobre a questão da terra no Brasil, preparando o terreno para a etapa de investigação.

O KWL (do inglês, Know, Want to know e Learned – traduzindo, Sei, Quero Saber, Aprendi) é uma ferramenta de organização de pensamento e acompanhamento da aprendizagem.

Ela é muito útil para estruturar a investigação, dividindo-a em três etapas cruciais:

1 - Know (O que sabemos): Ativar conhecimentos prévios e percepções iniciais dos estudantes sobre o tema.

2 - Want to Know (O que queremos saber): Transformar a curiosidade inicial em perguntas concretas que guiarão a investigação.

3 - Learned (O que aprendemos): Sistematizar as aprendizagens desenvolvidas ao longo da investigação.

A tabela a seguir ajuda a compreender a forma de aplicação do KWL.

Etapa na Atividade	Momento de Aplicação	Objetivo Pedagógico
O que sabemos (K - Know)	Início do projeto/Atividade	Levantar ideias e percepções iniciais sobre a questão da terra, mapeando o repertório prévio dos estudantes.
O que queremos descobrir (W - Want to Know)	Após o mapeamento inicial	Transformar as dúvidas, inquietações e lacunas de conhecimento em perguntas abertas para orientar a investigação.
O que aprendemos (L - Learned)	Final da etapa de Investigação	Sistematizar as descobertas, conectando-as à história e aos dados (Linha do Tempo da Fundação FHC, Censo Agropecuário).

ETAPA 1 – Mapa de ideias – O que sabemos (Know)

Apresente à turma o tema “A questão da terra no Brasil” e convide os estudantes a compartilhar o que já sabem, ouviram falar ou pensam sobre o assunto.

Você pode iniciar a conversa com perguntas provocadoras, como:

- O que vem à sua cabeça quando ouve falar em reforma agrária?
- Por que o Brasil discute a distribuição de terras?
- Quem tem mais acesso à terra hoje?

Peça que registrem suas ideias em post-its ou anotações digitais curtas, que depois serão agrupadas em um grande mural coletivo.

ETAPA 2 – Construindo o “Queremos descobrir” (Want to know)

Depois de observar o mural com as ideias e percepções iniciais, convide a turma a continuar pensando de forma curiosa e aberta sobre o tema.

Explique que agora não é o momento de buscar respostas, mas de levantar novas perguntas e hipóteses, mesmo que pareçam simples, subjetivas ou inacabadas.

Incentive os estudantes a escrever perguntas que expressem curiosidade, dúvida ou espanto, como:

- “Por que isso acontece?”
 - “Será que sempre foi assim?”
 - “Quem decide sobre o uso da terra?”
 - “Como isso afeta a comida que chega até mim?”
 - “O que muda quando a terra está concentrada?”
 - “Como seria se a distribuição fosse diferente?”
- Reforce que toda pergunta é bem-vinda – inclusive as que começam com “Será que...”, “E se...”, “Por que será...” ou “Como seria se...”.

Essas perguntas mostram o desejo de compreender e mantêm viva a vontade de investigar, que será retomada nas próximas etapas do projeto.

ETAPA 3 – Conectando com dados e história (Learned)

Esta etapa deve ser concluída ao final de todas as atividades de investigação. Complemente apresentando aos estudantes dados do Censo Agropecuário (IBGE) ou de fontes oficiais (INCRA, IPEA). Em seguida, explore com a turma a Linha do Tempo da Fundação FHC (ou fontes similares) para identificar marcos das políticas públicas de reforma agrária.

Pergunte:

- Que mudanças (ou permanências) percebemos?
- Quais os impactos causados pelas políticas públicas?
- Essas informações ajudam a responder alguma das perguntas que surgiram no mural?

Atividade 2 – Olhar a terra de perto

O objetivo dessa atividade é provocar o olhar dos estudantes para as formas de uso da terra no Brasil, conectando o tema da reforma agrária ao cotidiano, de forma acessível e concreta.

ETAPA 1 – Sensibilização visual

Apresente (ou peça aos estudantes que pesquisem) uma seleção de imagens e informações que mostrem diferentes formas de uso da terra no Brasil:

- Grandes propriedades rurais
- Pequenas propriedades familiares
- Áreas de produção intensiva e mecanizada
- Áreas de preservação
- Áreas com degradação ambiental

Como usar os cartões:

1. Imprima o conjunto de cartas em papel A4.
2. Separe-as, cortando nas linhas pontilhadas.



SUGESTÃO: BAIXE, IMPRIMA E RECORTE OS CARTÕES QUE ESTÃO DISPONÍVEIS NESTE LINK.

Condução da conversa:

Em um primeiro momento, convide os estudantes a observar livremente e registrar suas percepções individualmente.

Em seguida, incentive a reflexão com algumas perguntas, como:

- O que chama sua atenção nas diferentes paisagens ou nos dados levantados?
- Que diferenças aparecem entre os lugares mostrados ou entre os dados pesquisados?
- Que formas de produção e trabalho parecem existir em cada contexto?

ETAPA 2 – Rotina de pensamento: “Olhe dez vezes”

Essa rotina de pensamento foi criada pelo Projeto Zero, da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e tem como objetivo desenvolver a atenção e ajudar os estudantes a perceberem os detalhes, padrões e contrastes que passariam despercebidos em uma observação rápida.

Peça que os estudantes se reúnam em grupos e escolham uma imagem, sobre a qual irão se debruçar.

Primeira rodada de observações

Peça para que olhem com calma e anotem dez coisas que conseguem ver. Essas primeiras observações devem ser apenas descritivas (sem interpretações). Exemplos:

1. Vejo tratores alinhados.
2. Vejo plantações em linhas retas.

3. Vejo uma área verde e outra seca
4. Vejo que há poucos dados sobre o Norte do país

Dica: incentive que sejam observações breves, concretas, factuais.

Segunda rodada de observações

Essa segunda observação é o coração da atividade, onde o olhar se aprofunda.

Peça para que olhem mais uma vez e anotem mais dez coisas que ainda não tinham percebido.

Agora, começam a aparecer detalhes e relações, como:

1. As pessoas estão muito pequenas em relação às máquinas.
2. Parece que há fumaça no horizonte.
3. As casas ficam longe das plantações.

Conversa coletiva

Depois das duas rodadas, proponha perguntas de ampliação:

- O que surpreendeu vocês?
- O que mudou entre a primeira e a segunda observação?
- Que perguntas novas surgiram depois de olhar mais atentamente?

ETAPA 3: Síntese – O que nos faz pensar

Depois da rotina de observação e da conversa coletiva, proponha que os estudantes expressem o que descobriram por meio de uma produção curta e criativa, que ajude a transformar o olhar em pensamento.

Uma pergunta a partir da imagem/infográfico

Cada grupo escreve uma pergunta provocadora sobre a imagem ou infográfico que analisou.

Essas perguntas podem começar com “Por que...”, “Como...”, “De que forma...” e servirão como ponto de partida para o **passo de Definição** do projeto.

Exemplo:

- Por que há tanta diferença entre o tamanho das propriedades rurais no Brasil?
- Como o uso da terra afeta quem vive nas cidades?
- De que forma são produzidos os alimentos que chegam à nossa mesa?

Atividade 3 – Como a terra é usada e distribuída no Brasil?

O objetivo desta atividade é investigar como a estrutura fundiária do Brasil se formou e se transformou ao longo das últimas décadas, analisando políticas públicas, avanços, retrocessos e permanências ligadas à reforma agrária.

ETAPA 1 – Apresentação do desafio

Os estudantes devem investigar como o acesso à terra, sua distribuição e as políticas de reforma agrária mudaram (ou se mantiveram) em diferentes períodos da história recente. Nosso objetivo é compreender como a estrutura fundiária foi construída e como ela impacta o Brasil hoje.

ETAPA 2 – Organização da turma em estações

Divisão por períodos históricos: divida a turma em cinco estações, cada uma responsável por um recorte temporal.

- **Estação 1:** 1985–1994
- **Estação 2:** 1995–2002
- **Estação 3:** 2003–2010
- **Estação 4:** 2011–2015
- **Estação 5:** 2016–2023

Para que cada grupo tenha contato com diferentes tipos de fonte e perspectiva, organize três **focos de investigação**, pelos quais todas as estações circularão:

Foco 1 — História e Políticas Públicas

Foco da investigação: O que foi criado? O que foi alterado? Que políticas existiram ou foram interrompidas?

Fontes: Linha do Tempo da Fundação FHC; Documentos institucionais; Leis, programas e marcos governamentais do período.

Foco 2 — Dados e Indicadores

Foco: Como estava distribuída a terra? Houve mudança na concentração? Que números chamam atenção?

Fontes: Censo Agropecuário (IBGE); Dados do INCRA; Indicadores do IPEA; Gráficos, mapas e tabelas.

Foco 3 — Narrativas e Perspectivas

Foco: Que histórias marcaram o período? Quais tensões aparecem? Como diferentes atores (governo, movimentos, produtores, empresas) aparecem retratados?

Fontes: Reportagens, fotografias e, entrevistas; Vídeos sobre conflitos no campo; Evidências de movimentos sociais e de atores econômicos.

Registro durante a circulação

Cada grupo anota:

- Achados principais
- Políticas destacadas
- Dados e números importantes
- Citações e narrativas relevantes
- Contradições entre fontes
- Perguntas que surgirem

ETAPA 3 – Roteiro de investigação do período

Depois da circulação nas subestações, cada grupo foca no seu período e organiza as informações para responder:

1. Como se deu a concentração de terras no período?
2. Que políticas trouxeram avanços mais significativos?
3. Quais foram os pontos frágeis dessas políticas públicas? O que poderia ser melhorado em cada uma?
4. Quais resultados ou mudanças ocorreram?
5. Quem foram os principais atores envolvidos (governo, movimentos, empresas, produtores etc.)?

ETAPA 4 – Socialização

Cada estação compartilhará com a turma:

- Os principais achados do período investigado;
- As perguntas que permaneceram abertas;
- Os pontos que geraram surpresa, dúvida ou debate;
- Relações observadas com outros períodos da história recente.

Durante a socialização, os estudantes devem estar atentos para notar:

- Conexões entre os períodos;
- Mudanças e permanências ao longo das décadas;
- Semelhanças e diferenças entre políticas públicas;
- Novas perguntas que surgem ao ouvir os colegas.

Tenha um plano B

Desafio	Solução
<p>É muito comum que os estudantes pesquisem apenas fontes que confirmem suas crenças pessoais e que rejeitem as fontes que contrariam aquilo que eles pensam. A este comportamento damos o nome de viés de confirmação. O viés de confirmação é um verdadeiro vilão da investigação, pois pode mascarar os dados de pesquisa, fazendo parecer que inúmeras fontes confirmam o que o grupo pensa desde o início. Você pode usar o material “Corações e Mentes: Pensando de Forma Autônoma fora e dentro da Internet”, produzido pela Plataforma Democrática (Fundação FHC + Centro Edelstein de Pesquisas Sociais) como referência para a conversa.</p>	<p>Explicar anteriormente o que é viés de confirmação e pedir para que sempre analisem diferentes perspectivas e realizem debates.</p>



Passo 2:

Definição do problema

Depois de mergulhar nas primeiras investigações sobre a questão da terra no Brasil, convide os grupos a revisar suas anotações, registros e descobertas. O objetivo é identificar qual aspecto do tema mais despertou interesse ou curiosidade – algo que os estudantes queiram compreender de forma mais profunda.

O papel do(a) professor(a) nesta etapa

- Facilite a síntese, incentivando os estudantes a revisar suas anotações, registros e descobertas, destacando os pontos que mais se repetem ou que geram maior impacto;
- Estimule o recorte, orientando os grupos a reduzir a abrangência do problema para algo mais específico e concreto, ligado a uma situação real;
- Provoque o olhar crítico, levando os estudantes a pensar sobre quem é afetado, em quais contextos e com quais consequências;
- Incentive a revisita à [linha do tempo da Fundação FHC](#) para mostrar avanços e lacunas;

Ajude os estudantes a construírem uma pergunta norteadora para ajudá-los a guiar a criação das soluções.

Atividade 1 – Declaração de desafio

O objetivo é sintetizar a principal tensão ou conflito identificado pelos estudantes na fase da investigação e transformá-lo em uma declaração de desafio.

Como fazer: O professor irá guiar os grupos na síntese de suas descobertas, usando uma estrutura de frase simples para definir o problema que o projeto buscará abordar.

Estrutura da declaração de desafio: [Grupo de pessoas ou ator] precisa de [necessidade ou objetivo] porque [Insight, tensão, ou contradição encontrada na pesquisa]

Exemplos:

Tensão 1: Qualidade da Água x Uso de Insumos Químicos: Moradores do campo e da cidade **precisam que** o uso de defensivos agrícolas seja rigorosamente fiscalizado e reduzido, com alternativas agroecológicas, **porque** a pulverização em lavouras e o escoamento de resíduos químicos poluem rios, lençóis freáticos e nascentes, ameaçando o abastecimento de água potável em toda a região.

Tensão 2: Geração de Renda para Jovens x Migração para Cidades: Os jovens em assentamentos e comunidades rurais **precisam** de formação profissionalizante, acesso à internet e incentivos para pequenas agroindústrias, **porque** a falta de oportunidades de trabalho digno e a baixa qualidade dos serviços públicos levam a juventude a migrar para os centros urbanos, esvaziando o campo e comprometendo a sucessão familiar na produção de alimentos.

Os grupos devem formular pelo menos três declarações de desafio, oriundas dos conhecimentos que foram levantados na fase de investigação.

Atividade 2 – A questão que queremos responder

O objetivo é transformar as declarações de desafio em perguntas norteadoras e selecionar a questão que irá guiar a ação do grupo durante o projeto.

A partir dos desafios sistematizados, chegou a hora de elaborar a questão que irá guiar os grupos no desenvolvimento de seus projetos.

Observando as declarações de desafio elaboradas pelo grupo, a tarefa agora é transformá-las em uma pergunta norteadora investigativa, que guiará o restante do projeto.

Como fazer:

- O(a) professor(a) deve reforçar que uma boa pergunta é aberta, instigante e pesquisável – ela não tem resposta simples e convida à análise de diferentes perspectivas.
- Após a investigação inicial, os estudantes escrevem individualmente três possíveis perguntas, usando a estrutura:
- Como podemos [Ação/estratégia inovadora] para atingir [objetivo/resultado específico] [contexto]?

A tabela exemplifica o papel de cada elemento da pergunta norteadora na estrutura do desafio:

Componente da Pergunta	O que representa	Exemplos de Termos Chave
Ação/Estratégia Inovadora	O que faremos? O foco na solução e na transformação.	Implementar, criar, desenvolver, reformular, desenhar, propor.
Objetivo/Resultado Específico	Qual é o impacto desejado? O que será resolvido de forma concreta?	Garantir a segurança jurídica, aumentar a produtividade, promover o desenvolvimento regional, reduzir a evasão escolar.
Contexto/Restrição/Contradição	Onde se aplica? Qual o desafio ou a tensão que precisa ser respeitada?	...em áreas de Cerrado durante a seca, ...sem comprometer o meio ambiente, ...garantindo a função social da terra, ...conciliando grandes e pequenos produtores.

Por exemplo, considerando a declaração de desafio apresentada como exemplo na atividade anterior (relacionada à tensão entre a qualidade da água e o uso de insumos químicos):

Declaração de Desafio: Moradores do campo e da cidade precisam que o uso de defensivos agrícolas seja rigorosamente fiscalizado e reduzido, com alternativas agroecológicas, porque a pulverização em lavouras e o escoamento de resíduos químicos poluem rios, lençóis freáticos e nascentes, ameaçando o abastecimento de água potável em toda a região.

Pergunta norteadora: Como as políticas públicas podem aumentar a fiscalização e, inclusive, estimular a redução no uso de defensivos agrícolas, incentivando a sua substituição por alternativas agroecológicas, buscando melhorar a qualidade da água e a saúde pública de toda uma região?

Após a elaboração de todas as possíveis perguntas norteadoras associadas aos desafios levantados pelo grupo, elas são expostas, e cada estudante vota com adesivos ou pontos nas duas perguntas que considera mais instigantes (uma delas necessariamente precisa ser da autoria de um colega, e não sua).

As perguntas mais votadas são refinadas e escolhidas pelos grupos, garantindo engajamento e relevância percebida.

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Dificuldade em delimitar um problema viável e claro para o projeto.	Incentivar a subdivisão do problema em aspectos menores e mais manejáveis e investir tempo na construção de uma boa pergunta norteadora.



Passo 3:

Ideação

A fase da ideação marca a transição entre compreender profundamente um problema e começar a pensar em soluções que os alunos gostariam de ver sendo implementadas, ou que possam eles mesmo se envolverem, colocando a mão na massa. Agora que as

perguntas norteadoras já foram elaboradas, esse é o momento de abrir espaço para a criatividade coletiva: em vez de buscar a resposta “certa”, a tarefa é imaginar diferentes caminhos que possam enfrentar os desafios ligados à questão da terra e à reforma agrária.

Como conduzir:

- Estimule a quantidade, não a perfeição. Quanto mais ideias surgirem, mais chance de encontrar soluções originais e relevantes;
- Amplie horizontes. Incentive os estudantes a pensar em soluções que contemplem diferentes dimensões do problema: produção agrícola, acesso a serviços, educação, saúde, sustentabilidade, inclusão de gênero etc.
- Diversifique as linguagens. Proponha que os grupos registrem suas ideias por meio de palavras, desenhos, esquemas visuais ou até protótipos simples.
- Valorize a ousadia. Muitas soluções inovadoras parecem improváveis no início. Ajude os estudantes a manterem uma postura aberta e receptiva.
- Conecte ao que já foi investigado. Lembre os estudantes de usar como base suas pesquisas e as perguntas norteadoras, para que as ideias mantenham relação com a realidade observada.

O papel do(a) professor(a) nessa etapa é criar um ambiente de confiança, em que todos se sintam à vontade para contribuir, sem medo de julgamento.

Atividade 1 – Oficina “Mix de Ideias: comunicando o que descobrimos”

Depois de investigar a questão da terra no Brasil e formular perguntas norteadoras, é hora de pensar em como transformar as descobertas em produções de comunicação. O objetivo é estimular os grupos a usar a criatividade para compartilhar o que aprenderam com a comunidade escolar, traduzindo informações, dados e reflexões em formatos acessíveis e interessantes.

Apresente a proposta da oficina Mix de Ideias, que combina dois tipos de cartões: um com temas e descobertas e outro com formatos de comunicação. A cada nova combinação, surgem possibilidades de produtos diferentes — como podcasts, vídeos, exposições ou jornais murais — que ajudam a expressar o que foi aprendido.

Monte com a turma dois conjuntos de cartões:

Baralho A – Temas / Descobertas

Cartões com conceitos, dados ou questões que surgiram nas investigações para a elaboração da pergunta norteadora de cada grupo. Peça que os próprios estudantes elenquem pontos importantes que surgiram a partir da investigação, que serão melhor explorados a partir de agora.

Baralho B – Formatos de Comunicação

Cartões com diferentes linguagens e meios de expressão. Exemplos:

- Podcast
- Reportagem em vídeo
- Jornal mural
- Blog ou site interativo
- Exposição de dados
- Infográfico digital
- Mostra de fotos e depoimentos
- Jogo ou quiz educativo

Não esqueça de envolver os próprios estudantes na criação dos cartões – isso aumenta o engajamento e o sentimento de autoria.

A dinâmica pode seguir os seguintes passos:

- **Retomada e aquecimento**
Cada grupo relembra sua pergunta norteadora e escreve no topo da cartolina. O professor propõe o desafio:

Como podemos compartilhar o que aprendemos de forma clara, interessante e educativa?
- **Sorteio de combinações (Mix)**
Cada grupo sorteia três cartões do Baralho A e três do Baralho B. Para cada combinação (Tema + Formato), o grupo anota o máximo de ideias possíveis de como transformar aquele conteúdo em um produto de comunicação. A pergunta norteadora deve guiar a elaboração do conteúdo.

Exemplo:
 - Tema: Desigualdade na distribuição de terras;
 - Formato: Podcast;
 - Ideia: “Terra em Debate” – série de podcasts com entrevistas e dados sobre quem tem acesso à terra no Brasil.
- **Rodízio criativo**
Os grupos trocam suas cartolinas e leem as ideias dos colegas. Cada grupo aprimora pelo menos três ideias, sugerindo:
 - Públicos que poderiam se interessar;
 - Recursos visuais ou sonoros que podem enriquecer a proposta;
 - E formas de engajamento (exposição, mural, site ou redes sociais da escola).
- **Escolha e planejamento da ideia**
De volta ao grupo original, cada equipe escolhe uma ideia que pareça ter:
 - Impacto: comunica algo relevante sobre a questão da terra;
 - Adesão: tem relação com a pergunta norteadora elaborada na etapa anterior;
 - Viabilidade: pode ser realizada com os recursos e o tempo disponíveis.

O grupo então faz um storyboard simples em quatro quadros, respondendo:

 - O que queremos comunicar?
 - Para quem?
 - Como faremos isso (formato e linguagem)?
 - Que resultado esperamos?

Apresentação rápida e *feedback* coletivo

Cada grupo apresenta sua proposta em até 90 segundos.

Os colegas e o(a) professor(a) fazem comentários breves, respondendo a duas perguntas:

- O que torna essa ideia clara e interessante?
- O que poderia torná-la ainda mais envolvente ou viável?

Finalize a oficina com um momento de escolha coletiva das ideias que serão desenvolvidas nas próximas etapas, registrando o plano de cada grupo.

Atividade 2 – Peneira de Ideias

Depois de gerar diversas propostas na oficina Mix de Ideias, chegou o momento de escolher, de forma colaborativa, qual produto de comunicação o grupo vai desenvolver.

O objetivo desta atividade é selecionar a proposta mais clara, relevante e viável, equilibrando criatividade e possibilidade de execução.

ETAPA 1 – Definição e ponderação de critérios

Oriente os grupos a revisitarem os achados da Estação de Investigação.

Os critérios devem abordar temas como: Segurança Jurídica, Viabilidade Econômica, Produtividade/Eficiência, e Sustentabilidade/Gestão Social.

Peça que os grupos atribuam pesos (por exemplo, de 1 a 3) a cada critério, justificando por que alguns aspectos (ex: Segurança Jurídica) são mais importantes que outros.

ETAPA 2 – Aplicação da Matriz de Avaliação

Oriente os estudantes a criarem uma Matriz de Pontuação. O grupo deve pontuar cada ideia selecionada em relação a cada critério (por exemplo, de 1 a 5). O professor deve enfatizar que a pontuação deve ser justificada com base nos dados e leis coletados na Atividade 3.

Matriz de pontuação

Ideia	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Critério 4	Total
Ideia 1	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	
Ideia 2	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	
Ideia 3	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	(Peso) x (Nota)	

ETAPA 3 – Seleção e argumentação final

Cada estudante preenche a sua Matriz de pontuação e no final o grupo verifica qual foi a ideia com maior pontuação pela soma de todas as Matrizes. A ideia com maior pontuação total é a selecionada. O grupo deve agora preparar a justificativa final, explicando por que a proposta escolhida é a mais pragmática, equilibrada e adaptável à realidade brasileira.

Finalize a atividade com o registro da proposta escolhida em uma ficha de planejamento ou cartaz, incluindo:

- Título ou nome provisório do produto midiático;
- Público-alvo;
- Formato e linguagem;
- Mensagem principal;
- Propósito comunicativo (o que queremos provocar no público?).

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Geração de ideias não óbvias, mas realmente originais e relevantes para o problema proposto.	Utilizar técnicas de <i>brainstorming</i> estruturado e combinação de ideias de diferentes estudantes, como os exemplos propostos nas atividades da etapa de ideação.



Passo 4:

Planejamento

Após a fase criativa da ideação, chegou o momento de ancorar as ideias dos estudantes na realidade. Nesta etapa, eles serão incentivados a construir um plano estratégico para que a solução escolhida possa, de fato, gerar um impacto real na vida das pessoas com deficiência.

Sua função é guiar a turma na definição de objetivos claros, no levantamento de recursos necessários e na gestão do tempo, por meio de um cronograma realista e na antecipação de possíveis desafios.

É importante ter em mente que o planejamento é a ponte entre a imaginação e a ação concreta, que vai auxiliar os grupos a pensar em como suas propostas podem ser implementadas de forma sensível, viável e significativa dentro do contexto social e cultural que investigaram.

Dicas para a etapa:

- Auxilie os estudantes a identificarem os resultados esperados com a solução e a selecionarem indicadores de que estes resultados podem ser alcançados;
- Incentive que os grupos detalhem todos os recursos necessários, incluindo materiais, financiamento, apoio técnico e comunitário;
- Oriente-os a identificar os passos necessários para a implementação da solução e a definir o cronograma, o tempo e o responsável por cada etapa do processo;
- Incentive-os também a antecipar os possíveis desafios que o desenvolvimento da solução pode enfrentar e a planejar formas de contorná-los.

Atividade 1 – A Teia da Solução

Depois que os grupos escolherem qual produto de mídia vão criar (podcast, vídeo, exposição, jornal mural, reportagem multimídia, zine, infográfico etc.), é hora de organizar as ideias para garantir que o resultado final seja consistente, coerente e significativo.

Esta atividade ajuda os estudantes a *pensar antes de produzir*, estruturando a comunicação de forma estratégica.

O objetivo da Teia da Solução é ajudar os estudantes a planejar o produto de mídia de forma visual e colaborativa, identificando e conectando os elementos essenciais da comunicação. A atividade permite compreender como linguagem, formato, público e mensagem se influenciam mutuamente, além de antecipar desafios, organizar recursos e garantir que a proposta final seja clara, focada e coerente. A metáfora da teia reforça que um bom produto de comunicação depende da harmonia entre todas as partes.

Orientações de Condução

Explique que, em comunicação, a forma é tão importante quanto o conteúdo. Um podcast, uma exposição ou um vídeo não são apenas “produtos”: são estratégias para comunicar uma mensagem.

ETAPA 1 – Definição inicial

Divida os grupos e peça que escrevam, no centro de uma folha, o título provisório do produto de mídia. Exemplos: Podcast “Terra em Debate”; Exposição “A Terra em Dados”; Jornal Mural “Vozes do Campo”; Minidocumentário “Solo Vivo”.

A partir desse título central, o grupo cria **temas** ligados ao centro por linhas, como uma teia. Cada tema responde a uma pergunta essencial da comunicação:

Tema 1 – Mensagem Central – O que queremos comunicar?

Ajude os estudantes a focar: Qual é a ideia mais importante? Que recorte do tema a produção quer destacar? Que frase resumiria o propósito?

Tema 2 – Público-Alvo – Para quem falamos?

Ajude os estudantes a identificar informações sobre o público-alvo do projeto, como idade, interesses, necessidades; o quanto ele já sabe sobre o tema; e o que pode gerar interesse.

Tema 3 – Formato e Linguagem – Qual mídia vamos usar e como vamos nos comunicar?

Inclua:

- Tipo de mídia: podcast, vídeo, exposição, zine, mural, reportagem etc.
- Linguagem: formal? leve? narrativa? jornalística? visual? poética?
- Estilo: música de fundo, edição, imagens, ritmo.

Tema 4 – Recursos Necessários - Do que precisamos para produzir?

Os estudantes devem listar:

- Equipamentos (celular, microfone, computador, papel, impressões);
- Programas ou ferramentas (edição de áudio, vídeo, design);
- Espaços (sala, pátio, laboratório multimídia);
- Materiais físicos;
- Pessoas (entrevistados, apoio técnico, colegas).

Incentive que priorizem recursos realistas e disponíveis.

Tema 5 – Impacto Esperado – Que efeito queremos causar no público?

Orienta-os a pensar em qual impacto desejam: Informar? Sensibilizar? Provocar reflexão? Incentivar ação? Contar uma história pouco conhecida?

ETAPA 2 – Avaliação Interna (check-up do grupo)

Ao terminar a teia, cada grupo deve refletir:

- O plano está coerente e equilibrado?
- O público combina com a linguagem?
- A mensagem é clara e alinhada ao formato?
- Os recursos são suficientes?
- O impacto esperado é alcançável?
- Os desafios foram bem previstos?
- Sugira que cada grupo tire uma foto da teia ou guarde o cartaz para usar na próxima etapa. A teia servirá como bússola durante toda a criação do produto final.

Tenha um plano B

Desafio

Traduzir as propostas de ação em um plano de ação concreto, realista e viável.

Solução

Apresentar aos estudantes ferramentas de apoio à tarefa, tais como **cronogramas** (definição de prazos adequados para cada tarefa), **listas de tarefas e matrizes de responsabilidade** (mapear todas as tarefas necessárias e que cada tarefa tenha um responsável) e **listas de recursos** (mapear tudo o que é necessário para executar o projeto).



Passo 5:

Execução

A execução é a fase em que os estudantes transformam o planejamento em realidade, colocando a mão na massa para dar vida à solução que idealizaram. Esta etapa é crucial, pois permite que eles testem as estratégias elaboradas e enfrentem desafios reais, desenvolvendo proatividade, resiliência e colaboração. Neste momento, é fundamental

que você os encoraje a ver os obstáculos não como fracassos, mas como oportunidades de aprendizado e pistas para o que precisa ser ajustado. Ao testar suas soluções, eles poderão coletar *feedbacks* valiosos, ajustar o percurso e desenvolver propostas ainda mais alinhadas às necessidades do público-alvo.

Atividade 1: Ciclo de Produção e *Feedback*

Com o planejamento definido na Teia da Comunicação, é hora de colocar a ideia em prática. Nesta etapa, os grupos transformam seus planos em produtos concretos – podcasts, vídeos, exposições, jornais murais, infográficos ou outras formas de mídia educativa.

O objetivo é testar e aprimorar o produto de mídia antes da apresentação final.

ETAPA 1 – Criação do protótipo

Orienta os grupos a criarem uma versão inicial do seu produto de comunicação, o protótipo.

Importante: A ideia de um protótipo é ser simples, de baixo custo, rápido de ser elaborado, mas com todos os conceitos essenciais do projeto. Por exemplo, um roteiro de podcast com trechos gravados, o layout de uma exposição com painéis e legendas, ou o vídeo piloto com parte do conteúdo planejado.

ETAPA 2 – Teste cruzado e coleta estruturada de *feedback*

Organize um teste cruzado, onde cada grupo apresentará o seu protótipo para os demais e em seguida apresentará os objetivos que tinham com a estrutura do protótipo.

Para a coleta do *feedback* estruturado, distribua fichas de *feedback* para cada estudante, com perguntas básicas, como as apresentadas abaixo:

Guia de *feedback*

Pergunta	<i>Feedback</i>
1 - O público consegue compreender o propósito do protótipo?	
2 - O conteúdo é envolvente?	
3 - Os dados e o formato poderiam ser aprimorados? Como?	

ETAPA 3 – Análise do *feedback* e priorização de ajustes

Após coletar os *feedbacks*, cada grupo deve discutir sobre os refinamentos que podem ser feitos. É fundamental orientar os estudantes a priorizarem os ajustes, pensando no custo (tempo e recursos) que serão demandados e no impacto para a solução final, tendo esses dois fatores em mente, após a discussão, o grupo deve listar, em ordem de prioridade, os ajustes que serão feitos.

ETAPA 4 – Ajustes e versão final

Nesta fase os grupos vão realizar os ajustes propostos na etapa anterior e estruturar a versão final e completa do produto de mídia planejado, que deve agora refletir a coerência do planejamento inicial e incorporar as melhorias sugeridas pelo público-alvo estando pronto para a etapa de Socialização.

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Engajar e motivar os estudantes mesmo diante da complexidade e obstáculos do desenvolvimento da solução.	Acompanhamento contínuo por meio de reuniões regulares de acompanhamento, definição de marcos e checkpoints, com valorização das pequenas conquistas, promoção de momentos de reflexão individual e em grupo, para que os estudantes possam reconhecer suas aprendizagens e identificar formas de superar os próprios desafios.



Passo 6:

Socialização

A socialização é o momento de colher os frutos do projeto e compartilhar os aprendizados com a comunidade. Após toda a jornada de investigação, ideação, planejamento e execução, é crucial que os estudantes apresentem não só os resultados, mas também as sementes de conhecimento que plantaram ao longo do caminho. A socialização vai além de uma simples apresentação; ela tem o poder de aprofundar as aprendizagens e trazer à tona questões complexas sobre a disputa pela terra no Brasil.

Incentive os estudantes a pensarem estrategicamente sobre a audiência: para quem eles estão apresentando e como a mensagem pode ser adaptada para gerar o maior impacto. Ao prepararem este momento, eles verão como o conhecimento pode ser uma ferramenta de transformação social, capaz de derrubar preconceitos e inspirar outras pessoas a participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa.

Atividade 1: Mostra Vozes da Terra

Chegamos ao momento em que o projeto se abre para o público. Os estudantes estão prontos para apresentar suas produções na Mostra “Vozes da Terra”, um encontro que reúne a comunidade escolar para conhecer, discutir e refletir sobre a questão da terra no Brasil. A ideia é transformar o conhecimento produzido em sala em diálogo, expressão e troca.

O principal objetivo da mostra é socializar as produções de forma significativa, valorizando a diversidade de linguagens escolhidas pelos estudantes: podcasts, vídeos, murais, exposições, zines, jogos, performances, infográficos ou outros formatos. A mostra permite que as vozes dos grupos ganhem espaço, ampliando as reflexões sobre distribuição da terra, políticas públicas, disputas e perspectivas futuras.

ETAPA 1 – Organização da Mostra

Convide os estudantes a planejar o evento coletivamente. Explique que cada grupo deverá apresentar seu produto final e também contextualizar o processo que o originou. É importante que cada apresentação responda, de forma simples e clara:

- Qual pergunta orientou o trabalho?
- O que o grupo descobriu durante a investigação?
- Qual mensagem embasa o produto criado?
- De que modo o formato escolhido ajuda a transmitir essa mensagem?

O intuito é que o público não apenas veja o produto, mas compreenda o caminho percorrido e o sentido da escolha de cada grupo.

ETAPA 2 – Tornando a Mostra interativa

Estimule a turma a pensar em como tornar o evento envolvente e acolhedor para quem visitar. Sugira que considerem incluir:

- Atividades interativas, como quizzes e jogos com perguntas sobre reforma agrária, história e dados do Brasil;
- Um mural de vozes, onde visitantes possam deixar comentários, dúvidas e reflexões;
- Espaços de fruição, como um cantinho de escuta para podcasts ou telas para exibição de vídeos e animações;
- Momentos de diálogo, como rodas de conversa com outras turmas, familiares ou membros da comunidade que tenham relação com o tema.

ETAPA 3 – O papel dos estudantes

Durante o evento, os estudantes assumem o papel de mediadores das próprias produções. Eles devem estar preparados para explicar suas escolhas, dialogar com os visitantes e ouvir as reações, interpretações e perguntas. Essa função é fundamental, pois fortalece a autonomia e o protagonismo, a capacidade de explicar processos complexos de forma acessível, a habilidade de ouvir e acolher diferentes perspectivas e o entendimento do valor público do conhecimento que produziram.

ETAPA 4 – Encerramento e reflexão final

Ao final da mostra, reúna a turma para uma roda de fechamento. Esse momento é essencial para consolidar a experiência. Sugira perguntas como:

- O que mais nos chamou atenção ao apresentar para outras pessoas?
- Que ideias novas surgiram a partir das conversas com o público?
- O que aprendemos sobre a questão da terra a partir de outras produções da turma?
- Como o processo de comunicar nossas descobertas mudou nossa forma de compreender o tema?
- Que caminhos de investigação ainda gostaríamos de explorar?

Encerrar com essa conversa ajuda os estudantes a reconhecer a trajetória feita, percebendo como cada etapa contribuiu para uma compreensão mais ampla e crítica do tema.

Tenha um plano B

Desafio	Solução
Garantir que a socialização seja relevante e que gere aprendizado tanto para os estudantes quanto para o público.	Conectar os projetos e a apresentação com o contexto dos estudantes e do público, adequando a linguagem ao público-alvo e ao formato da apresentação.



Avaliação

A avaliação processual desempenha um papel fundamental no PBL, pois permite acompanhar o desenvolvimento dos estudantes ao longo das diferentes etapas do trabalho, promovendo uma aprendizagem mais profunda e significativa. Esse tipo de processo avaliativo busca fornecer orientação e apoio contínuo, incentivando a reflexão sobre a própria aprendizagem, o desenvolvimento do senso de autocrítica e a busca por melhorias constantes.

Para organizar o processo avaliativo, é recomendado o uso de rubricas, que forneçam critérios claros e específicos de avaliação, possibilitando uma abordagem objetiva e consistente. As rubricas são guias de avaliação que descrevem os padrões de desempenho esperados em cada etapa do projeto. Elas ajudam os estudantes a compreenderem os requisitos e as expectativas, além de fornecer uma base para avaliar seu trabalho. As rubricas auxiliam também os professores a avaliarem de forma justa e coerente, oferecendo *feedback* construtivo e identificando áreas de melhoria.

Ao utilizar rubricas, é possível avaliar diferentes aspectos do projeto, como a qualidade da pesquisa, a criatividade das soluções propostas, a colaboração em equipe, a comunicação efetiva e outros critérios relevantes. Dessa forma, os estudantes têm uma compreensão clara dos critérios pelos quais serão avaliados, permitindo que se esforcem para alcançar os objetivos estabelecidos.

Outra possibilidade interessante de acompanhar o percurso dos estudantes ao longo do PBL é sugerir a criação de um portfólio. Com uma coleção organizada de trabalhos, registros e reflexões, eles documentam seu processo de aprendizagem e evidenciam conquistas. No portfólio, os estudantes podem incluir amostras de seus trabalhos, como relatórios, anotações, protótipos, fotografias, vídeos ou qualquer outra forma de registro que represente as etapas caminhadas. Podem também adicionar reflexões sobre suas experiências, destacando seus desafios, aprendizados e os aspectos que consideram mais significativos.

Você também pode usar outras formas de avaliação processual. Confira:

- Observação em sala de aula: os professores podem observar ativamente a participação, o engajamento e o trabalho em equipe durante as atividades do projeto;
- Registros individuais e em grupo: os estudantes podem manter registros individuais ou em grupo, documentando o processo de investigação, as estratégias utilizadas e os desafios enfrentados ao longo do projeto;
- Apresentações intermediárias: os estudantes podem realizar apresentações intermediárias, compartilhando os progressos, os resultados parciais e recebendo *feedback* dos colegas e dos professores;
- Revisões e *feedback* contínuo: os estudantes podem receber *feedback* regularmente durante o projeto, permitindo que façam ajustes e melhorias em seus trabalhos;
- Autoavaliação e coavaliação: os estudantes podem refletir sobre seu próprio desempenho e realizar avaliações mútuas entre colegas, fornecendo *feedback* construtivo e identificando áreas de melhoria.

Tenha um plano B

Nem sempre temos o tempo que gostaríamos – ou que precisamos – para desenvolver as atividades pedagógicas com nossos estudantes. Isso pode ser ainda mais evidente quando se trata do trabalho com PBL, que preconiza muitas etapas, dedicação de tempo para a realização das atividades em cada uma delas e, sobretudo, tempo para reflexão sobre as atividades. Nos casos em que a execução do projeto com todas as suas etapas for inviável, existem algumas estratégias que podem ser úteis para que a essência do projeto não se perca e o tempo de execução seja reduzido.

Combine etapas: Uma alternativa para situações em que o tempo é limitado é reduzir as etapas do projeto de seis para três, combinando duas etapas em uma. Dessa forma, na versão condensada do PBL, as etapas ficam organizadas da seguinte maneira:

Etapa 1: Exploração

Exploração (Investigação + Definição do problema)

Etapa 2: Criação

Criação (Ideação + Planejamento)

Etapa 3: Ação

Ação (Execução + Socialização)

Essa estrutura mantém o ciclo básico de aprendizagem: explorar, criar e agir — com tempo otimizado e foco no essencial.

Eliminar alguns passos do processo: Caso o tempo disponível não seja o suficiente para o desenvolvimento completo da solução almejada, é possível focar apenas na produção de planos, protótipos ou simulações da solução. Por exemplo, caso a solução do projeto seja uma campanha de conscientização, o(a) professor(a) pode orientar os estudantes a apresentarem todo o planejamento da campanha: tipos de mídia que serão utilizadas, materiais necessários, tipos de peças publicitárias a serem veiculadas, cronograma de divulgação das diferentes peças em diversas mídias etc.

Reduzir a etapa de socialização: Uma estratégia muito utilizada para poupar tempo no trabalho com projetos é optar por socializações mais simples, ocupando a maior parte do tempo com as outras etapas e privilegiando a socialização em pequenos grupos, ou registros escritos.

Expediente

Este roteiro pedagógico foi inspirado pelo projeto “**Linhas do Tempo**”, desenvolvido pela Fundação FHC para retratar a história social e política do Brasil entre 1985 e 2018. Neste registro histórico, são levantados temas centrais para a construção da cidadania e da democracia no Brasil: direitos de minorias (negros, mulheres, indígenas, LGBTQIAPN+), meio ambiente, uso e propriedade da terra, educação e saúde.

Porvir

Diretora Executiva:
Tatiana Klix

Idealização do projeto:
Marina Lopes
Regiany Silva
Tatiana Klix

Edição do roteiro:
Danilo Mekari

Autoria do roteiro:
Renata Salomone
Heloize Charret

Direção de arte:
Regiany Silva

Diagramação:
Manuela Ribeiro

Revisão de texto:
Vinícius de Oliveira

Fundação FHC

Direção Geral:
Sergio Fausto

Cocriação temática e revisão técnica do roteiro:
Beatriz Kipnis
Isabel Penz
Sergio Fausto



F U N D A Ç Ã O

F E R N A N D O
H E N R I Q U E
C A R D O S O